

Da formação ao profissional: a entrada no contexto de ação futebolístico

From Training to the Professional:
Entry in the Context of Football Action

Everton de Albuquerque Cavalcanti

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá/Brasil
Doutor em Educação Física, UFPR
profevertoncavalcanti@gmail.com

André Mendes Capraro

Universidade Federal do Paraná, Curitiba/Brasil
Doutor em História, UFPR

RESUMO: A subjetividade e a estrutura determinam a dinâmica dos sujeitos no espaço em que competem mutuamente. Este é o caso de quem pretende se tornar atleta de futebol profissional e passa por um percurso competitivo em uma prática marcada pelo excesso de pés-de-obra. Trata-se de uma cultura que perpassa gerações e atribui a carreira esportiva representativa como objetivo de vida, necessitando de uma leitura das diferenças entre jogar futebol por prazer e encará-lo como profissão. Objetivamos, então, retratar memórias de atletas e ex-atletas de futebol profissional com relação a inserção nessa carreira. Compreendemos que essa inserção se consolidou de duas maneiras: 1) em alguns casos, as memórias não foram representativas, visto que a subjetividade notabilizava a facilidade que encontraram para entrar nesse espaço. 2) outras histórias denotam a representatividade que os sujeitos atribuem as suas memórias, visto que as narrativas detalhistas expõem as dificuldades para ingressar no meio do futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Oralidade; Memória.

ABSTRACT: Subjectivity and structure determine the dynamics of subjects in the space in which they compete with each other. This is the case of those who intend to become professional football athletes and go through a competitive course in a practice marked by excessive workloads. It is a culture that crosses generations and attributes a representative sports career as a life goal, necessitating a reading of the differences between playing football for pleasure and facing it as a profession. We aim to portray memories of athletes and former professional football athletes in relation to the insertion in this career. We understand that this insertion was consolidated in two ways: 1) in some cases, the memories were not representative, since subjectivity noted the ease that they found to enter this space. 2) other stories denote the representativeness that the subjects attribute to their memories, since the detailed narratives expose the difficulties to enter the middle of the football.

KEYWORDS: Football; Orality; Memory.

INTRODUÇÃO

Se outrora buscávamos discutir o futebol através de fontes como jornais e documentos, já é possível ampliarmos nossa perspectiva de reconhecimento desse meio pelas histórias de quem viveu e pode nos levar a centralidade das situações oriundas de uma prática representativa financeiramente e socialmente.

Sendo assim, as histórias apresentadas contemplam o ponto de vista de atletas e ex-atletas, que de certa forma, apresentam singularidades com relação ao tema, mas que nos fazem compreender em partes a estrutura esportiva também de uma forma mais ampla, estabelecendo um equilíbrio entre as especificidades e generalidades do que estamos a tratar acerca do futebol.

Objetivamos então, retratar memórias de atletas e ex-atletas de futebol profissional com relação a inserção inicial nessa carreira.

Nos pautamos metodologicamente pela história oral, que para Alberti é um método de pesquisa que se utiliza de entrevistas com sujeitos que vivenciaram experiências que de alguma forma podem servir para analisarmos um determinado objeto de estudo.¹ Pois então, a história oral é responsável pela construção de suas fontes, que poderão ser agrupadas em um acervo a ser consultado. Possibilita o estudo de diferentes grupos a partir de relatos dos sujeitos que dele fizeram parte.

Patai revela que a história oral se interpõe no entrecruzamento de subjetividades.² São as percepções do entrevistador e do entrevistado, a influência cultural sofrida por ambos, as memórias de quem lembra em consonância com as questões de quem pergunta, os recuos conscientes de quem não sabe se deve falar sobre determinado assunto e os estímulos que demonstram interesse em ouvir. Logo, a história oral não está alheia às intervenções de quem dela participa, não trata apenas de enunciar e receptor discursos, mas relaciona-se à capacidade de se estabelecer uma relação humana que propicie sua efetivação.

¹ ALBERT. *Manual de história oral*, 2005.

² PATAI. *História oral, feminismo e política*, 2010.

A partir disso, realizamos duas entrevistas com atletas profissionais e três com ex-atletas profissionais de futebol, preservando o anonimato dos participantes. Na passagem do oral para o escrito, optamos por trabalhar com a transcrição, eliminando vícios de linguagem, porém, preservando a originalidade da produção inicial.³

DIFERENTES PERSPECTIVAS DE INSERÇÃO NA CARREIRA FUTEBOLÍSTICA

O trabalho com fontes orais carrega em si uma responsabilidade de observar dois pontos determinantes para compreensão do fenômeno que se pretende estudar, que dizem respeito aquilo que Portelli⁴ e Smith⁵ compreendem como subjetividade individual e a representação social que uma determinada coletividade implica as questões em pauta. Portanto, o sujeito é dotado de um processo cultural que se relaciona com suas necessidades específicas e que determinam o rumo de sua trajetória ao longo da vida. É a subjetividade em consonância com a estrutura que determinam a posição e a dinâmica dos sujeitos no espaço em que competem mutuamente.

Esse é o caso dos sujeitos que pretendem se tornar atletas de futebol profissional e passam por um percurso competitivo em uma prática marcada pelo excesso de pés-de-obra.⁶ Trata-se então de uma cultura que perpassa gerações e atribui a carreira esportiva representativa como objetivo de vida desde a infância, depositando suas esperanças em alcançar o sonho de ser um esportista reconhecido socialmente e financeiramente.

Nesse sentido, queremos iniciar nossas discussões com um assunto introdutório que permeia a inserção inicial nessa carreira. Refere-se à compreensão de como e quando se consolida esse objetivo nas memórias de sujeitos que conseguiram alcançar o profissionalismo, mesmo que não chegando à condição estável e consolidada que pretendiam. Logo, essa discussão trata de percorrer o caminho inicial pelo qual não existem certezas e que as responsabilidades começam

³ ALBERT. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*, 2003.

⁴ PORTELLI. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*, 1996. PORTELLI. *O que faz a história oral diferente*, 1997.

⁵ SMITH. *Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes*, 2012.

⁶ DAMO. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, 2005.

na infância, necessitando uma leitura prematura das diferenças entre jogar futebol por prazer e encará-lo como profissão. Acerca disso, os colaboradores afirmaram:

Comecei a jogar bola com 7 anos na escolinha do meu pai, que você até jogou com ele na escolinha né? Na escolinha do Nino, comecei com 7 anos na escolinha do Ipiranga e pequeno, não levava nada sério ainda, mas sempre gostei muito, e aí comecei a me destacar entre os meninos mais novos, daí depois com 10 anos, no colégio que eu estudava, no Bagozzi tinha um time de futsal que era o Cultural, meu professor de educação física na época era o treinador do time de futsal, ele me levou para lá, e jogando lá eu acabei sendo visto pelo professor Miro e pelo Aramis do Coritiba, a base do Coritiba, lá no Coxa eu comecei com 10 anos, com 10 anos eu já fui para o Coritiba. Comecei no pré-mirim, joguei lá o pré-mirim, pré-infantil, ganhamos vários títulos lá com o professor Miro, com o professor Aramis, e nesse meio tempo também jogava na escolinha do meu padrasto, do meu pai, aí com 15 anos surgiu a oportunidade de eu ir para o Atlético-PR, mas antes disso já tinha ido para a seleção brasileira sub-15 pelo Coritiba, convocado pela seleção, e aí acabei indo para o Atlético-PR com 15 anos, daí de lá até 2012, de 2005 à 2012 fiquei no Atlético-PR.⁷

Isso tudo passou, fui chamado depois para ir para o Paraná Clube já com 9 anos, o professor Orlandinho me chamou, inclusive a gente treinava aqui na frente, onde é o supermercado. Já começou minha carreira, já vivia praticamente do futebol e pensava só em ser jogador de futebol. Depois fui para o J. Malucelli, o antigo Malutrom, depois voltei para o Paraná Clube, e com 16 anos já vivia do futebol, já pensava em ser jogador profissional, inclusive assinei meu primeiro contrato profissional com 16 anos no Paraná Clube.⁸

Bom, vamos dizer assim, não sei se foi uma escolha. Não sei se eu escolhi o futebol, foi algo que aconteceu na minha vida. Foi aquela coisa de criança, de querer jogar futebol, e foi tudo uma sequência, não digo que eu escolhi, mas foi uma continuidade de coisas que foram acontecendo e acabou acontecendo, e graças a Deus aconteceram. Acredito que não foi eu, como eu falo, acredito que não foi eu que escolhi o futebol, foi o futebol que me escolheu. Então, minha trajetória começou cedo, eu jogava em escolinha, jogava aqui na Hauer, no Clube dos Oficiais. Mas o meu início no futebol foi aqui na Vila [...]. Onde eu estudava num colégio aqui em baixo chamado Newton Ferreira da Costa. Teve um teste aqui para a base do Paraná Clube, era pré-mirim, pré-infantil, tinha 10 anos de idade na época, e eu fiz o teste aqui, eles treinavam aqui no campo do Vila Fanny, na minha vila, e eu fiz o teste e passei e desde os 10 anos eu fiquei no Paraná até os meus 22 anos de idade. Mas já tinha, jogava aqui no Vila Fanny, mas como goleiro eu comecei a jogar ali mesmo, porque eu era meio goleiro, até hoje eu gosto de jogar um pouquinho na linha e aqui até teve uma história que tinha outro rapaz que queria fazer o teste no gol e

⁷ JOGADOR 5. Entrevista, 2016.

⁸ JOGADOR 2. Entrevista, 2016.

eu não queria deixar, porque eu sabia que na linha eu não tinha muita chance, mas no gol eu tinha, daí chorei no dia, briguei com o cara. E ai eu fiz o teste no gol e passei, e ai acabei saindo um tempinho do Paraná, no infantil, mas depois voltei, mas o que eu me lembro bem é dessa história, de ter começado aqui no Vila Fanny.⁹

Com base na memória coletiva,¹⁰ entendemos que essa se consolida no ponto de convergência das histórias desses três indivíduos, que é a forma como chegaram até as categorias de base de um clube e como suas trajetórias se encaminharam sem maiores dificuldades para que isso ocorresse. Converte a favor também o fato de que o início de ambos aconteceu em escolinhas enquanto ainda eram crianças e que demonstraram um interesse inicial, mas sem maiores responsabilidades.

As trajetórias iniciais desses três têm mais algumas questões em comum. No que diz respeito a nossa compreensão de que tem suas particularidades, entendemos também que são dotadas de uma representação social que pode ser percebida por essa caracterização da narrativa através de uma trajetória simples, do menino que jogava futebol pelo sentimento de prazer que a prática proporcionava e que naturalmente se encaminhou para o meio competitivo devido a essa identificação com a modalidade na infância.

Essa concordância das subjetividades pode ser pensada pelo conceito de memória social de Smith¹¹ que nos ajuda a entender essa ideia generalizada do que é uma trajetória inicial no futebol, permeada pelo sentimento de praticar a modalidade sem aparentemente intencionar algo a mais, mas que acontece devido à expressão do talento e da capacidade de se diferenciar dos demais em nível competitivo e que através do incentivo de familiares e treinadores acabam se encaminhando para o profissionalismo.

Essa é a representação que as histórias promovem e que dizem respeito à ideia impregnada pelo senso comum e por parte da imprensa de que existe uma forma brasileira de jogar futebol. E mesmo compreendendo que a prática massiva desse esporte é parte de uma educação cultural que nos foi impetrada, não é somente isso que enquadra esses sujeitos no esporte de alto rendimento.

⁹ JOGADOR 4. Entrevista, 2016.

¹⁰ HALBWACHS. *A memória coletiva*, 2013.

¹¹ SMITH. *Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes*, 2012.

No caso do jogador 5, sua história está permeada por essa ideia do menino que começa cedo e que não tem maiores responsabilidades com a prática, mas que toma o desejo de se tornar um atleta profissional e se vê capacitado a chegar nesse nível. Sua trajetória difere de muitos roteiros brasileiros, já que foi encaminhado precocemente às categorias de base do Coritiba, e lá permaneceu até sair para o Atlético-PR e se profissionalizar, demonstrando potencial desde a categoria pré-infantil e não passando maiores dificuldades para se encaminhar nesse meio.

O próprio atleta notabiliza sua trajetória demonstrando um sentimento de naturalidade, que permeia a compreensão do processo pelo qual passou. Nesse sentido, ele se enquadra como uma exceção à regra, pois não é comum atletas jovens ganharem destaque midiático antes de alcançarem a categoria profissional. Porém, se aproxima das outras duas histórias pois se notabilizaram por uma trajetória linear e que não demandou problemas consideráveis e passíveis de serem expostos nas narrativas acerca de suas inserções nas categorias de base.

O jogador 2 teve trajetória semelhante, já que após iniciar sua trajetória no futsal da AABB, encaminhou-se precocemente às categorias de base do Paraná Clube, não indicando qualquer dificuldade inerente a essa inserção inicial no futebol de alto rendimento. As singularidades de sua história dizem respeito a como reinterpreta suas memórias de quando era criança, compreendendo que desde sua entrada nesse meio esportivo competitivo com 9 anos de idade, já objetivava fazer carreira profissional.

Nesse sentido, o jogador 2 aborda sua história de forma a reviver sua trajetória no presente, momento em que busca dar continuidade a esse percurso futebolístico profissional em outra função, tanto que ao encerrar a carreira, iniciou os estudos no curso de Educação Física.

O tempo na visão de Delgado apresenta representações do passado, conjecturas sobre o presente e perspectivas para o futuro.¹² É assim, um processo dinâmico que permeia a história humana em suas rupturas, continuidades e descontinuidades. Portanto, nos ajuda a compreender a carreira atlética a partir de

¹² DELGADO. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades, 2003. DELGADO. *História oral: memória, tempo, identidades*, 2010.

suas experiências passadas, a reinterpretação dessas no momento da entrevista e a tentativa de se localizar nesse espaço posteriormente em uma nova função.

Esse processo de compreensão do tempo nos leva a entender a lógica da carreira do jogador 2, que teve que abandonar o futebol profissional por uma lesão no joelho, mas que demonstra em sua história o sentimento de satisfação, significando as experiências que viveu de forma a objetivar sua continuidade na modalidade, em uma ruptura da trajetória atlética para um recomeço do percurso enquanto técnico, como percebemos implicitamente em sua narrativa.

Nesse sentido, passado e presente proporcionam indícios através da subjetividade do indivíduo, que nos ajudam a compreender, tanto a inserção do sujeito no meio futebolístico, como sua retirada desse quadro e a eminente entrada no ostracismo, quanto ao seu objetivo de adentrar novamente nessa realidade e dar continuidade à trajetória em uma nova perspectiva. Portanto, o estudo da oralidade promove essa interação entre os fatos e o tempo presente, bem como possibilita compreendermos a história na relação dos acontecimentos com a localização do sujeito no espaço no momento de sua narrativa.

O discurso do jogador 4 retrata esse processo de interação com as outras duas histórias, já que não teve grandes dificuldades para entrar no meio futebolístico, necessitando de apenas um teste para isso. Sua narrativa então demonstra a naturalidade com que as coisas aconteceram e suas reações bem humoradas no momento em que relembra esses acontecimentos denotam a tranquilidade com que sua trajetória se iniciou no futebol e como, conseqüentemente, ele compreende sua transição para o profissional, até o momento atual de seu percurso.

Assim como os demais, ao não alongar tanto a narrativa a respeito de sua inserção na modalidade, reforça a ideia de que as dificuldades para ingressar nesse meio foram insignificantes, o que demonstra que a representatividade das experiências para o narrador são determinadas pelo nível de importância que eles atrelam às suas memórias e conseqüentemente, a sua capacidade de lembrar as memórias mais marcantes.¹³

¹³ THOMPSON. *A voz do passado*, 1992.

O colaborador se aproxima dos outros dois atletas ao contemplar sua iniciação na infância, jogando futebol no bairro em que morava e na escola em que estudava. Perspectivando também a discussão da inserção massiva no futebol e a alta concorrência por uma carreira popular e representativa devido à transmissão cultural pela família e pelos sujeitos próximos ao atleta, aliado ao desejo de uma trajetória promissora socialmente e financeiramente. Em outra concepção, nossos colaboradores afirmaram:

Na verdade meu pai era professor de Educação Física, era não, ele é ainda, e apaixonado pelo futebol, ele tinha uma escolinha, então por isso eu comecei tão cedo, com 7 anos já treinava com ele. Na verdade tinha uma escolinha que treinava 3 vezes por semana, e eu e meu irmão que é 3 anos mais velho, treinávamos 3 vezes por semana lá e nos outros dois dias ele fazia um trabalho a parte. Então desde cedo ele tinha a escolinha dele e uma coisa que foi bem assim, de tão apaixonado que ele era pelo futebol, é até engraçado, que hoje eu tiro sarro dele, que quando eu tinha meus 9 anos e meu irmão tinha uns 12, ele veio com uma pergunta para nós assim, explicando que o futebol era difícil, que o futebol era cheio de caminhos complicados, mas se a gente realmente queria aquilo, com 9 anos, parecia que ia tomar uma decisão para a vida já. “E aí porque se vocês quiserem, eu vou apoiar vocês em tudo”. E daí lógico, a gente criança já disse que sim, imagina.¹⁴

A narrativa despreocupada demonstra o sentimento de alegria pelas experiências vividas no futebol e são compreendidas também pelo fato de que entende que o tempo, como propõe Delgado,¹⁵ representa rupturas em uma trajetória, e que seu entendimento trata de posicionar o sujeito no momento em que narra sua história, conseqüentemente permeando sua formação narrativa e os sentimentos que demonstra no momento em que discursa. É com nostalgia que as memórias são revisitadas pelo jogador 3, no sentido de explicar seu início precoce no futebol, atrelando a esse fato a influência do pai durante a infância e a conseqüente iniciação em escolinhas que proporcionassem uma oportunidade profissional futuramente.

A história se aproxima das demais até aqui apresentadas ao retratar a ideia de que iniciou sua trajetória no esporte ainda na infância, mas difere quando

¹⁴ JOGADOR 3. Entrevista, 2016.

¹⁵ DELGADO. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades, 2003.

ênfatisa que a influência do pai determinou uma iniciação precoce no futebol de alto rendimento, tanto que além de treinar em escolinha, realizavam trabalhos específicos nos dias livres, que na ótica do pai, serviam para prepará-los e inseri-los nesse meio profissional competitivo.

Seu estado de ânimo e suas reações no momento da narrativa indicam um sentimento de despreocupação com as implicações que a evocação dessas memórias poderia proporcionar, já que era o único colaborador da pesquisa que não atuava em qualquer função esportiva na época da entrevista, além de compreender satisfatoriamente sua retirada desse espaço, sem ressentimento quanto ao encerramento de sua trajetória na modalidade, constituindo atualmente carreira em outra área profissional.

Esse contexto que o estudo com a oralidade promove, trata de esclarecer os aspectos convergentes e divergentes entre as narrativas e denotam as aproximações que vão determinar a constituição e a dinâmica da estrutura, mas que são abordadas com profundidade quando compreendemos as especificidades oriundas da subjetividade de cada indivíduo e das particularidades que cada história trata. Portanto, cada memória apresentada é dotada de sentidos e significados que constituem preocupações individuais, mas que são influenciadas socialmente pelos grupos em que circulam.¹⁶

Nesse sentido, compreendemos quando Delgado se refere à relação entre memória, história, tempo e espaço na reconstrução das experiências vividas.¹⁷ Muito embora as narrativas apresentem aproximações que denotam características e problemas de uma determinada coletividade, como perceberemos ao longo dessa tese, são esses aspectos citados pelo autor que diferenciam e especificam os acontecimentos que estamos analisando através das fontes orais.

As características da subjetividade de cada indivíduo e de cada história representam a riqueza que Portelli atribui ao estudo da memória por meio das oralidades e que distingue essa fonte das demais, bem como contempla hipóteses que não conduzem à história verídica, mas a versão da história vivida que colabora com o

¹⁶ SMITH. *Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes*, 2012. BOSI. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, 2003.

¹⁷ DELGADO. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*, 2003.

estudo em questão e que determina sua formação narrativa, através das memórias que consegue evocar, do tempo em que passou por essas experiências, o tempo no qual se insere atualmente, e do espaço em que se localiza no momento da entrevista.¹⁸

São esses aspectos que tornam a narrativa cômica, já que ele vive uma realidade diferente atualmente como cabeleireiro e não apresenta ressentimento quanto as suas experiências no futebol. Logo, ele não culpa o pai por querer realizar o próprio sonho na figura dos filhos, mas compreende essa situação de forma que relembra a passagem com nostalgia, denotando que atualmente brinca a respeito dessa tentativa de inserir precocemente o desejo nele e em seu irmão de adentrarem o meio futebolístico competitivo. Nesse sentido, o jogador 1 afirmou:

Então, na verdade, como meu pai já jogou antigamente no Ferroviário, ele gostava muito de me levar para o campo, jogava nos campos amadores lá de Pato Branco, veteranos, ele sempre me levava para o campo, só que eu na verdade não gostava muito logo no início [...]. Por volta dos dez anos eu comecei a atuar no Grêmio lá de Pato Branco, que é um time de futsal e de goleiro, mas de goleiro largado, reserva, sabe, ia para os jogos, vários jogos, desde os dez, onze anos já começava a participar de competições, campeonato brasileirinho de Foz de Iguaçu, já viajei com onze para doze anos, paranaense de futsal, mas como goleiro. Aí surgiu a oportunidade ali por volta dos onze anos, de um jogo do time A, como eu jogava para o time B, sempre tinha uma equipe reserva da cidade ali do Grêmio Futsal, e eu no segundo tempo entrei na linha na nossa equipe que era a B, conseguiu vencer a equipe A, daí eu abandonei, não queria mais jogar no gol e comecei a jogar na linha, mas meio tarde em relação aos meninos da minha idade e que tinham mais talento, mais técnica, por isso que eu ia para o gol, porque não tinha tanta habilidade e aí comecei, através do técnico Joel lá de Pato Branco a trabalhar mais de pivô no futsal e uma característica assim [...] aí pintou de jogar o futebol de campo e no futebol de campo eu me dava muito bem no físico, fisicamente eu rendia muito mais.¹⁹

Como afirmamos anteriormente, as memórias evidenciam, com a ideia de Halbwachs,²⁰ a memória coletiva, na qual a reincidência das semelhanças nas histórias retrata um perfil sociocultural de como esses indivíduos se inserem no futebol e como superam a concorrência em uma profissão de alta procura. O estereótipo do menino que inicia a carreira por meio das escolinhas ainda na

¹⁸ PORTELLI. *História oral como arte da escuta*, 2016.

¹⁹ JOGADOR 1. Entrevista, 2016.

²⁰ HALBWACHS. *A memória coletiva*, 2013.

infância e que constrói o desejo de se tornar atleta profissional através do prazer pela prática, se repete em quase todos os discursos e denotam como historicamente essas carreiras iniciam e como esses sujeitos anônimos se identificam como vencedores por alcançar a profissionalização que muitos tentam, mas nem todos conseguem.

Muito embora a trajetória do jogador 1 tenha se iniciado sem muita perspectiva e sem a mesma motivação dos demais, percebemos como o início da carreira é prematuro no futebol, atuando primeiramente no futsal e passando para o futebol de campo, contando com o incentivo de familiares e indivíduos próximos, além de professores de Educação Física que apreciam a prática esportiva na escola, até por se tratarem de profissionais de uma época em que o esporte ainda era supervalorizado na educação formal e às vezes até mesmo utilizado como único conteúdo das aulas.

Percebemos então como a identidade cultural que se formou na sociedade brasileira contempla a ideia de que os meninos se apropriam do futebol em diferentes espaços e que somente após serem vistos em um contexto de menor responsabilidade competitiva é que são levados para instituições especializadas na formação profissional de atletas e na inerente orientação e aperfeiçoamento visando o alto rendimento.

Nesse sentido, Delgado afirma que a temporalidade aborda a dinâmica do que é específico, mas também compreende as vivências individuais como parte de uma multiplicidade de experiências que se entrecruzam no tempo conferindo singularidade, pluralidade, e de certa forma, homogeneidade, já que os discursos se caracterizam pelas aproximações e distanciamentos no retrato da realidade temática pesquisada.²¹ Dessa forma, nossos colaboradores relatam:

[...] daí de eu e mais 2 ficou só 2 mesmo, não chegou a ficar os 3 no Coxa. Ai eu fiquei por uns 2 meses, ali era bem complicado pelo seguinte, tinha muita influência de um rapaz que era do jornal, que daí ele tinha um filho que jogava também e ele sempre publicava matéria sobre a categoria de base do Coxa no jornal dele e tal e aí sempre tinha uma influência ou outra de fora. [...] nisso teve uma hora que eu cobrei o lateral para um meia, ele estava sozinho e pegou e deu um chutão para frente e caiu no pé do treinador e o treinador já fez o contra-ataque e eu falei: “pra que isso? Mas pra que isso?” para o jogador do meu time que “estourou” sozinho,

²¹ DELGADO. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades, 2003.

podia ter dominado, saído jogando e o técnico achou que era para ele, daí ele parou o treino na hora, imagina, eu tinha 10 para 11 anos de idade, nem ia falar uma coisa dessas para um treinador. Aí ele parou o treino na hora e falou um monte de coisa, me deu um monte de dura e me mandou para fora do treino. Aí passei no teste do Paraná, fiquei uma semana lá e passei no teste, aí eu pedi dispensa no Coxa, eles deram, fui para o Paraná. Aí no Paraná eu fiquei 3 anos, ali foi bacana, fiquei 3 anos, inclusive a gente jogou contra o Coxa, a gente ganhou do Coxa, uma vitória de 3x0, foi massa, eu estava de capitão já, estava jogando de volante na época, me recuaram um pouquinho, comecei a jogar de volante.²²

[...] daí uma vez o Londrina, tinha doze anos, só que fiquei cinco minutos, joguei, não peguei na bola e assim, dava aqueles duzentos piás na peneira e aí [...] até que pintou a oportunidade de fazer teste no Atlético-PR, o Xavá, o técnico lá de Pato Branco fez uma carta de recomendação e aí cheguei no Atlético-PR, treinava lá em São José, acho que era, aí eu cheguei só que muito mais forte. [...] fui mais ou menos, daí a hora que teve que fazer um coletivo principal, ia ser na antiga baixada, choveu e não deu pra fazer, simplesmente dispensou e aí [...] o meu pai: “não, vamos insistir, vamos insistir ali, eu conheço alguém que pode, você vai tentar pelo menos no Paraná”. E aí ele conhecia um cara que jogou com ele no Ferroviário e me levou no Paraná Clube, daí eu cheguei no Paraná Clube, no infantil do Paraná Clube, aí fiz o teste no Paraná, fiquei umas duas semanas de teste e aí o Paraná falou assim: “não, você pode ficar, a gente gostou de você, só que não pode alojar”.²³

Ambas as histórias convergem na questão da iniciação no futebol de alto rendimento de forma diferente dos outros três colaboradores apontados no início desse capítulo. Para esses dois indivíduos a entrada em equipes de base foi conturbada, passando por peneiras e oportunidades diversas até alcançarem a profissionalização. Percebemos isso devido à proporção que o assunto tomou nas referidas narrativas em relação às outras, sendo permeadas pelo vai e vem de quem pretende se inserir nesse meio, mas passa por dificuldades devido ao excesso de pés de obra no futebol.²⁴

Portanto, compreendemos que as memórias que nos são passadas trata-se daquelas mais significativas.²⁵ Para alguns é mais relevante dar ênfase as celeumas percorridas ao longo da carreira nos clubes pelos quais jogaram, já que a entrada no nível competitivo não se constituiu um problema. Enquanto que para outros é

²² JOGADOR 3. Entrevista, 2016.

²³ JOGADOR 1. Entrevista, 2016.

²⁴ DAMO. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, 2005.

²⁵ PORTELLI. *Ensaio de história oral*, 2010.

preciso evidenciar as dificuldades para adentrar nesse meio e só após identificarem isso na narrativa, conseguiram dar sentido para o restante da história que nos contam.

Percebemos então, a partir da perspectiva de Smith,²⁶ que as narrativas que nos são contadas tratam da exposição de problemas que precisam ser compreendidos para que a história faça sentido. Por isso as lembranças positivas e negativas são as retratadas durante a entrevista, já que marcam o início na busca por um objetivo, que sofre uma ruptura pelas dificuldades encontradas, mas que chega ao fim com a solução encontrada, mesmo que essa não satisfaça o narrador.

Na história do jogador 3, percebemos a descrição minuciosa dos acontecimentos, na qual ele relata com detalhes a concorrida peneira pela qual inseriu-se nas categorias de base do Coritiba, conquistando a vaga de titular na equipe. Logo após acontece a primeira ruptura em sua história ao relatar as constantes mudanças de posições, o que ele atribui ao fato de possíveis benefícios concedidos a atletas interligados a agentes representativos politicamente dentro do clube. A situação piora quando um mal-entendido com o treinador acontece durante o treino e ele acaba sendo preterido, passando a integrar a equipe de suplentes. A história então sofre uma nova reviravolta, já que ele deixa o Coritiba e passa em um teste nas categorias de base do Paraná Clube, tornando-se capitão do time, encerrando a narrativa ao enfatizar o êxito contra o ex-clube, identificando seu discurso a partir de um enredo da vitória.

A estrutura da narrativa do jogador 1 é semelhante, já que ele relata estar se destacando no futebol de campo de maneira a iniciar em peneiras visando a entrada em algum clube com vista a profissionalização. A primeira ruptura de sua história passa pela frustração de dois testes em que não teve êxito, um no Londrina e outro no Atlético-PR, o que ele atribui ao fato de ter tido pouca oportunidade na primeira tentativa e por sequer terem possibilitado a realização do jogo-treino no último dia de teste no clube de Curitiba. A nova ruptura, e consequente reviravolta, inicia-se no seu período de testes no Paraná Clube, no qual é aprovado e alcança o objetivo inicial de adentrar o meio futebolístico em busca da profissionalização.

²⁶ SMITH. *Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes*, 2012.

Com base em Delgado,²⁷ entendemos que as duas narrativas retratam a história a partir de temporalidades e espaços diferentes, mesmo que tenham adentrado a mesma instituição, no caso, o Paraná Clube, a diferença de idade e a época em que ingressaram nas categorias de base são distintas, promovendo as singularidades que cada discurso pode proporcionar de acordo com a subjetividade de cada indivíduo. Porém, ambos os discursos vão de encontro à ideia de Bruner a respeito da formação narrativa, em que a sequência dos fatos, os detalhes, a ironia e a tragédia determinam como o indivíduo apresenta a história em uma sequência de rupturas que dão sentido ao que estão falando.²⁸

Além do que, o sentimentalismo implícito em cada narrativa demonstra como esse período foi representativo na história desses indivíduos no futebol. No caso do jogador 3, suas lembranças demonstram certa nostalgia com o fato de compreender que sua história é vencedora perante as dos demais, que não conseguiram alcançar o objetivo de inserção nas categorias de base de clubes como o Coritiba e o Paraná Clube, enfatizando sua posição de referência nessas duas instituições pelas quais passou.

No caso do jogador 1, o sentimento também é de nostalgia, mas com ênfase na superação dos obstáculos que apareceram ao ser dispensado nas duas primeiras tentativas no Londrina e no Atlético-PR, respectivamente. Logo, adentrar o Paraná Clube, para o atleta se tratou da perseverança, da vontade e da motivação em vencer em uma modalidade representativa e concorrida, e é assim que ele identifica sua trajetória, já que deixa claro que não era tão qualificado tecnicamente, mas que superava os demais pela preparação física e pela dedicação em aperfeiçoá-la frequentemente para se encaixar nessa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que nossa contribuição em analisar o futebol, e mais especificamente, a carreira futebolística através das fontes orais, proporcionou uma compreensão diferente desse espaço, já que circulamos entre o macro-histórico – ao abordarmos

²⁷ DELGADO. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades, 2003.

²⁸ BRUNER. *Fabricando histórias: Direito, literatura, vida*, 2014.

as questões através do compartilhamento social dos discursos e da identificação de problemas que afetam esse meio – e o micro-histórico – nos quais as particularidades de cada história nos forneceu indícios para discutir esse contexto de maneira reflexiva.

Ao circularmos nessas duas perspectivas, evidenciamos o entrecruzamento da estrutura com a subjetividade, notabilizando as relações estabelecidas a partir das memórias que nos foram expostas. Se tratou então de compreendermos a influência que a subjetividade teve nas ações de cada colaborador, bem como a estrutura afetou nas decisões, na forma de pensar e agir desses indivíduos. Esses dois extremos nos revelaram sua aproximação com aspectos da coletividade e de como entendermos que as relações sociais afetam as experiências apresentadas, assim como a individualidade propõe novas formas de percepção da comunidade.

Pensando na resolução do objetivo dessa pesquisa, compreendemos que a inserção desses atletas no futebol se consolidou de duas maneiras: no caso do jogador 2, do jogador 5 e do jogador 4, o início da prática ocorreu na infância, evidenciando o prazer pela prática em escolinhas de bairros, até serem descobertos em testes ou por observadores técnicos de clubes federados. Para esses, as memórias referentes à inserção nesse meio não foram representativas, visto que a subjetividade notabilizava a facilidade que encontraram para entrar no meio do futebol.

Já as histórias do jogador 1 e do jogador 3, denotam a representatividade que atribuem as suas memórias, visto que as narrativas detalhistas expõem os problemas que enfrentaram para conseguirem ingressar nesse meio, evidenciando nossa perspectiva inicial de que a inserção em uma prática competitiva requer a superação de obstáculos. Nesse ponto, a história do jogador 1 enfatiza aspectos da subjetividade, tais como, a frustração, o ressentimento e a culpabilidade por não agir de forma diferente em algumas situações, notabilizando o limiar entre alcançar uma trajetória de sucesso – como aqueles que jogaram com ele no Cruzeiro – e o encerramento precoce de sua carreira.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.
- ALBERTI, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRUNER, J. **Fabricando histórias**: Direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 9-25, 2003.
- DELGADO, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.
- PATAI, D. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.
- PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, n. 14, p. 25-39, fev., 1997.
- SMITH, R. C. **Circuitos de subjetividade**: História oral, o acervo e as artes. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

* * *

Recebido para publicação em: 14 mar. 2019.
Aprovado em: 18 nov. 2019.